

FERNANDO DE PAMPLONA
DA ACADEMIA NACIONAL DE BELAS-ARTES

DICIONÁRIO DE
PINTORES E
ESCULTORES
PORTUGUESES

IV



DISTRIBUIÇÃO EURO-LIBRIS

FERNANDO DE PAMPLONA
DA ACADEMIA NACIONAL DE BELAS-ARTES

*DICIONÁRIO DE
PINTORES E
ESCULTORES*

*PORTUGUESES
OU QUE TRABALHARAM
EM PORTUGAL*

IV

2.^a EDIÇÃO
(ACTUALIZADA)

PREFÁCIO DE RICARDO DO ESPÍRITO SANTO SILVA

LIVRARIA **Civilização** EDITORA



*Silverio.
Martins. Fev. 1781*

BIBLIOGRAFIA: Cirilo Volkmar Machado—«Coleção de Memórias»; Raczyński—«Dictionnaire Historico-Artistique du Portugal»; José Queirós—«Cerâmica Portuguesa»; Luís Xavier da Costa—«As Belas-Artes Plásticas em Portugal durante o Século XVIII»; Diogo de Macedo—«A escultura portuguesa nos séculos XVII e XVIII».

MARTINS BARATA (JAIME)—PINTOR CONTEMPORÂNEO (1899-1970), que na aguarela continuou a tradição de Mestre Roque Gai-meiro, seu sogro, interpretando tipos rústicos plenos de carácter e aspectos majestosos da charneca alentejana, onde abriu os olhos para a luz. Disto dão testemunho as suas expressivas aguarelas «A fatada», soberbo friso de tipos da gleba, «O caçador» (Museu de Arte Contemporânea) e sobretudo «Sonhando com o mar», camponês alentejano com um pequeno barco na mão, a cismar nas lonjuras do oceano que os seus olhos nunca, por certo, enxergaram. Aguardelista de larga visão e de tintas impressivas, ele obteve a 1.ª medalha em aguarela na Sociedade Nacional de Belas-Artes e o prémio de aguarela do Salão de Lisboa, promovido em 1947 para comemorar o 8.º centenário da conquista da cidade aos Mouros. Mas Martins Barata ganhou sobretudo nomeada como autor de vastas composições evocativas de cenas da nossa História. Na Exposição do Mundo Português, em 1940, fez uma série de painéis históricos de boa urdidura e de sentido épico em sua movimentação e flama, nomeadamente os trípticos «Tomada de Lisboa aos Mouros» e «Cercos de Lisboa pelos Castelhanos no tempo do Mestre de Avis», a branco e negro, de largo e poderoso efeito. Os dons de notável compositor e de sugestivo evocador do passado, que neste artista concorriam, tiveram a sua justa consagração nos dois grandes trípticos a óleo executados em 1943 para a escadaria nobre do Palácio de S. Bento, o primeiro deles, «As Cortes de Leiria» (século XIII), do lado da Assembleia da República, com D. Afonso III no trono, rodeado pelos membros da Cúria Régia e pelos procuradores dos concelhos, de trajos sombrios, e nas abas o esplendor cromático do alto clero com suas dalmáticas e da nobreza com suas armadu-

ras e pendões, e o segundo, intitulado «A Indústria, a Agricultura e o Comércio» (século xv), do lado da antiga Câmara Corporativa, com os mesteirais, os artistas, os letrados, os lavradores e seus gados, os mercadores e suas fazendas, os marinheiros e as naus do Norte e do Levante. É um conjunto imponente, no justo agrupamento das figuras, no carácter e vigor das máscaras, na intensa harmonia cromática e sobretudo no largo sentimento plástico que arranca da noite dos tempos este mundo rumorejante e colorido. Os estudos dos dois trípticos, feitos de maneira exaustiva e escrupulosa e que orçam por algumas dezenas, estão espalhados por vários edifícios públicos. Ultimamente, este pintor fez uma notável decoração a fresco alusiva à figura de D. Pedro de Meneses, para o Palácio da Justiça de Vila Real.

MARTINS BARATA

BIBLIOGRAFIA: Fernando de Pamplona—«Um século de pintura e escultura em Portugal» e «Uma obra de arte: a Exposição do Mundo Português» *in* «Ocidente», Novembro de 1940; «1.^a Exposição de Arte Retrospectiva—1880 a 1933» (catálogo, 1937).

MARTINS CORREIA (JOAQUIM)—ESCUPTOR CONTEMPORÂNEO, NASCIDO EM 1910, discípulo de Simões de Almeida (Sobrinho). De temperamento vibrátil e de imaginação acesa, Martins Correia tem-nos dado obras de grande originalidade e de largo sentido moderno. O seu pleno domínio da técnica permite-lhe tentar as mais ousadas experiências. E a sua obra é um exemplo de permanente inquietação em busca de novas formas e de novas soluções plásticas, em que se entrevê, por vezes, o influxo da arte oriental. Nos seus retratos, há intensa palpitação anímica; nas suas fortes figuras, nos seus baixos-relevos e nas suas estátuas, transparece extraordinário sentimento decorativo. Também tem cultivado com elevação a escultura religiosa: devem-se-lhe, por exemplo, as vigorosas figuras de pedra dos 4 Evangelistas para a Catedral de Bissau (Guiné), ou a pungente imagem «Nossa Senhora das Dores», expoente de tragédia sobre-humana. Por direito próprio, Martins Correia alinha na primeira fila dos nossos escultores contemporâneos. Obteve em 1942 o Prémio Soares dos Reis, do Secretariado Nacional



MARTINS BARATA — «ARTES E OFÍCIOS» (pormenor) — Palácio de S. Bento, Lisboa